

Esta applicação produziu o melhor effeito; a keratite continuou, isto é, a infiltração progrediu invadindo as outras partes da cornea, mas os symptomas inflammatorios decahiram. Vinte e um dias depois a mesma molestia manifestou-se no olho esquerdo, tambem com injeção pericórnea e photophobia.

Fiz n'este olho a mesma applicação de cyanureto de potassio, e, como da primeira vez, decahiram os symptomas inflammatorios.

Em ambos os olhos o trabalho da absorção vai adiantado, e o doente, que chegou por dois dias a privar-se da vista, já se considera bastante melhorado.

Acha-se ainda em tratamento, e por isso não completamos sua historia, servindo este caso para mostrar o bom resultado de uma modificação, ensaiada pela primeira vez pelo Dr. José Lourenço, que provavelmente dispensará os banhos belladonados.

N'este os dentes incisivos superiores são mal conformados, e apresentam perto do bordo livre uma depressão horizontal.

Alem d'estes ha outros casos ainda, nos quaes o tratamento pelo vaporizador nada deixou a desejar, mas que, por communs, não merecem particular descripção.

MEDICINA

TRATAMENTO INDIGENA BRASILEIRO DAS FEBRES PALUDOSAS

Da importante these do Dr. José de Azevedo Monteiro, sustentada o anno passado na Faculdade do Rio de Janeiro e que tem por titulo « diagnosticó e tratamento das febres paludosas, » extrahimos este capitulo, e o seguinte sobre a flora dos pantanos; por achal-os muito interessantes a materia medica e botanica brasileiras.

Logo que se reconhece que o doente está realmente soffrendo *sezões*, dá-se-lhe um vomitorio de ipecacuanha, ou um purgante de oleo de ricino; depois do que se applica um *voixo forte*; (1) no seguinte dia emprega-se algum dos anti-periodicos abaixo apontados, que mereça mais confiança; e pelo modo mais conveniente, como está indicado no logar competente, e relativo a cada um; o periodo apyre-

(1) Sudorifico preparado com cascas de laranja, aguardente e chá quente. É uma phrase popular em muitas provincias septentrionaes do Brasil, que parece ser a modificação de *arroxo forte*.

tico é na maxima parte das localidades o escolhido para o emprego d'aquelles medicamentos.

É prohibido em geral o uso de fructas acidas, dos banhos frios, e da agua commum como bebida ordinaria. Esta deve ser previamente *ferrada* (2) ou *panada* (3)

Prohibe-se expressamente que os doentes se exponham ao sereno ou á insolação forte.

Em certos logares, principalmente no interior de algumas provincias do Norte, a carne destinada á alimentação dos individuos que soffrem de intermittentes deve ser moqueada, ou assada previamente, para ser depois temperada ou adubada; e bem assim o peixe e os mariscos (que só excepcionalmente são permittidos.)

Bem se vê, que não ha razão para isso; entretanto alguns medicos me asseguraram, que ha grande repugnancia do povo d'aquellas localidades, em comerem a carne verde, ou fresca, enquanto estão doentes de *sezões* (4).

Se o accesso da febre é precedido de grande calafrio, costumam fazer ao paciente uma *tigela* (5) de café muito quente e bem tincto com uma pouca de aguardente, ou com um limão espremido, e sem assucar: depois do que o cobrem com bastantes cobertores de lã, e o rodeiam de botijas cheias d'agua quente; afim de provocarem o mais rapidamente possivel a transpiração; tornando assim o accesso muito mais curto.

Succede muita vez, quando a febre intermitente é ligeira e simples, que cessa completamente em 2 ou 3 dias: e ás vezes não volta, se quer, o segundo accesso com o emprego d'este meio.

No Pará, Amazonas e outras provincias das mais septentrionaes do Imperio, além da applicação de muitos dos medicamentos abaixo mencionados, sou informado, que se prepara uma infusão muito forte e quente do pó de *Uarana Guarana* (*Paulinia sorbilis*, Mart.), á que alguns addicionam canella e succo de limão, (1 limão cortado e esprimido com a casca) para o mesmo fim.

Nos intervallos dos accessos, e para evitar-se as *rechidas*, toma se a infusão de *gervão*. (*Verbena Jamaicensis*. L) e de outras *Verbe-*

(2) Agua em que se tem introduzido um ferro incandescente, ou algumas brazas.

(3) Agua em que se conserva por algum tempo uma porção de pão torrado, ou de boiata.

(4) Elles a consideram capaz de concorrer para as *rechidas*.

(5) Duas á tres chicaras.

naceas, de algumas *Rutaceas* e *Synanthereas* abaixo mencionadas.

Outro meio empregado com muita vantagem, segundo me affirmaram alguns medicos, que clinicaram no interior do Brasil, consiste no emprego da aguardente forte, (alcool á 25°) na qual estiveram em maceração durante 8 a 15 dias varias plantas aromaticas, principalmente a *losna* (6), *mangerona* (7), *alecrim* (8), *cravo* (9), *canella* (10), *hera doce* (11), *casca de laranja*, *de lima etc.*, muitas das quaes já mencionamos como febrifugas poderosas reconhecidas pelos medicos europeus. (12). A dose empregada é de um calice de 4 em 4 horas (3 ao dia), devendo o 1.º ser depois do acesso; sobre elle tomará o doente uma tigela de chá quente ou de infusão de *losna* tambem quente.

Depois de tomar o medicamento, o doente agasalha-se, cobre-se bem, para transpirar: isso porem se faz de ordinario á noite, quando elle ingere a ultima dose, que deve ser ao deitar-se.

Resumindo, vemos que esta applicação tem fim duplo: 1.º provocar a transpiração, o que é facil, graças a acção de *excitantes diffusivos* principalmente á quente; 2.º graças aos principios amargos e outros que são reconhecidos febrifugos (13) e proprios para combater a febre.

Quanto á parte hygienica relativa á habitação, ordena-se que os doentes que não podem mudar-se da localidade, mudem de casa; e sendo isto impossivel, mudem de quarto para outro mais elevado, se houver.

Os agricultores fazem expressamente prohibir que os affectados de febres intermitentes, ou os convalescentes, ou os que tem cahido por mais ou menos vezes, trabalhem no cultivo do arroz e nas *derrubadas* de matas virgens; salvo se for para serrarem *madeira que trave*. (14)

Nos parece que esta praxe foi-lhes ensinada pelos europeus; pois que, como já vimos, quando fallamos dos moinhos que pulveri-

(6) *Artemisia absinthium* (L.) *Synantherea*.

(7) *Origanum majorana* (L.) *Labiata*.

(8) *Rosmarinus officinalis* (L.) *Idem*.

(9) *Caryophyllus aromaticus* (L.) *Myrtacea*.

(10) *Laurus cinnamomum* (L.) *Lauracea*.

(11) *Pimpinella anisum* (L.) *Umbelliferas*.

(12) A mistura da aguardente com diferentes substancias aromaticas carminativas chamam na Bahia *aguardente concertada* ou simplesmente *concertada*.

(13) Muitos autores não admittem febrifugas propriamente dictos.

(14) Que seja muito adstringente.

zam as cascas de carvalho, é de observação que os individuos occupados n'aquelle mister são quasi absolutamente poupados.

Nas provincias do Rio-Grande do Sul e Paraná, e provavelmente em Santa Catharina, emprega-se as quinias brasileiras, depois de uma infusão quente de *Herva-mate* (*Hex paraguayensis* (15) Lamb), com ella de mistura, ou com o pó em suspensão.

As vezes tomam aquella infusão de *hera-mate* muito quente, e logo apos um calice de *Jararajinha*, que, como sabemos, é o alcool a 24° ou 25° destillado com as cascas de laranja, e cujo oleo essencial acha-se n'elle dissolvido.

Foram estas as informações que pude colher de medicos moradores e clinicos na roça, e que tiveram a bondade de attender á meu pedido.

É natural que haja mais algum, talvez muitos outros poderosos meios para debellar as febres intermitentes; a mim, porém não chegaram outros dados, alem dos mencionados.

Passo agora a enumerar as substancias febrifugas; começando pelas mais efficazes e geralmente gabadas.

Colhi os dados que aliante vão, em obras e speciaes de *Botanica e Therapeutica* de Von Martius *Materia medica vegetal brasileira*; das *Plantas usuaes dos brasileiros*, de St Hilaire; do *Diccionario de plantas medicinaes brasileiras*, do Dr. Nicoláo Moreira, que, como eu, transcreve o que se acha naquellas e outras importantes obras, mas onde grande numero de erros typographicos abundam; e bem assim do Dr. Caminhoá, que se tem occupado de ha muito especialmente destes assumptos. Sobre as plantas do Norte extrahi de trabalhos do Dr. Freire de Cisneiros e de Est. Moricand. Baseei-me principalmente, porém, na Memoria do Dr. Caminhoá sobre as *Plantas brasileiras tonicis*, lida na Imperial Academia de Medicina. D'aquelles trabalhos accitei o que me pareceu bom e apropriado ao assumpto sobre que disserto.

Sobre febres perniciosas; (*sezes amalignadas ou malignas*) pouco poderei dizer. Apenas mencionarei alguns dados, que um unico pratico me forneceu.

Quando a febre é acompanhada de delirio, applicam-se clysteres de pimenta *malagutta*, com oleo de ricino e infusão de *hera-doce*; sinapismos de pimenta com farinha de man-

(15) Devera ser antes *Paraguayensis*; porque não é só em *Paraguari* que ha; e é mesmo mais abundante nos outros herveaes.

dioca *cessada* (*peneirada*), alhos e vinagre; cosimento de *pão pereira* (16) ou de *quina*, na dose indicada a diante de 2 em 2 horas; emprega-se, porém, o sulphato de quinina, ou o valerianato de preferencia. (17) Quanto ás diferentes outras formas, o tratamento é symptomatico, e baseia-se no emprego dos laxativos brandos associados á quina ou seus alcaloides, etc.

Eis os vegetaes febrifugos indigenas do Brasil, que tem merecido a saução dos praticos nacionaes e estrangeiros clinicos no interior.

Rubiaceas—1 Quina de Remijó.—*Cinchona Remigiana* (St-Hilaire). *Remijia Hilarii* (D. C.); das provincias de Minas e S. Paulo. Usa-se das cascas em pó na dose de 1 a 2 oitavas em bolos com o extracto de *Quassia*; e em infusão na dose de 1 onç. para uma libra d'agua. As folhas tem sido tambem applicadas na dose $\frac{1}{2}$ a 1 $\frac{1}{2}$ onça em 24 horas.

2. Quina da Serra.—*Cinchona ferruginea* (St-Hilaire). *Remijia ferruginea* (D. C.). Usa-se tambem das cascas do mesmo modo, e nas mesmas doses.

2 A. Cinchonio ou vicirina—Substancia extrahida da Quina do campo pelo Sr. Dr. José Agostinho Vieira de Mattos que, se occupa com enthusiasmo do estudo da Botanica brazileira

Eis a transcripção de um escripto seu a este respeito:

« Alguns ensaios chimicos, que tenho feito sobre as quinas do Brazil, especialmente do genero *Cinchona* como unico representante da quina do Perú, com o fim de reconhecer pela analyse os seus elementos activos ou alcaloides, deram em resultados um *producto* de natureza resinosa, de sabor extremamente amargo semelhante ao da quinina ou chinchonina.

« A especie, que mais abunda desta substancia, cresce em profusão nos chapadões ao norte da provincia de Minas, vertentes dos rios de S. Francisco e Jequitinhonha; foi descripta por A. de Saint Hilaire sob o nome *Cinchona ferruginea* e ultimamente classificada com o nome de *Remijia Vellosiana* ou « *Vellosii*. Ella encerra tannino e varias substancias extractivas soluveis n'agua, de gosto amargo e adstrin-

(16) *Geissospermum Vellosii*, (de Freire Allem.) do pl. o Sr. Ezequiel Corrêa dos Santos, pai do actual e distincto professor de Pharmacia, extrahio a *pe-reirina*, que é um optimo preparado contra as intermittentes, e excellente tonico. D'ella me occuparei depois.

(17) Quando se pode encontrar no logar esta substancia.

gente, e alem destas uma resina *sui generis*, de reacção acida, insolavel neste liquido, cujas propriedades são as seguintes:

« **Propriedades physicas.**—É solida, friavel e mais pesada do que a agua, sem cheiro pronunciado; de sabor extremamente amargo: observada em estado pulverulento em contacto com o ar; é de cor de tijolo claro, e em massa internamente, ou em fragmentos é de cor escura e carregada.

Propriedades chimicas.—É insolavel n'agua, no ether, e no oleo essencial de terebentina, e pouco solavel nos oleos graxos, como o de bacalhão, ao qual communica o gosto amargo, dando-lhe a consistencia de geléa á fogo brando. Dissolve-se facilmente á trio no alcool e no chloroformio; não é inflammavel e funde-se em temperatura elevada além de 120°, perdendo parte d'agua e converte-se em uma substancia resinoides, de cor escura e de aspecto de verniz, de gosto amargo, que mostra ser a resina carbonisada e alterada pelo calor. Gosa da propriedade acida em presenca dos alcalis de potassa, soda, ammonia, ou dos seus subsaes, que a dissolvem facilmente, sem alteração alguma de suas propriedades, formando d'este modo saes neutros ou resinatos.

« É insolavel nos acidos. Tratada pelo acido nítrico forte, em uma baixa temperatura, manifesta-se reacção instantanea com desenvolvimento de calor e de gaz acido nitroso e forma-se um novo producto resinoides, que depois de lavado conserva o gosto amargo, é de cor amarellada e parece ser a mesma resina mais ou menos modificada.

« **Extração.**—Para se obter esta substancia emprega-se em pó grosso a casca da raiz, de preferencia a do pão, por ser esta mais fraca e menos amarga. põe-se em um aparelho de deslocação ou em maceração durante uma semana com alcool á 38° B, separa-se o liquido com expressão do residuo, que é submettido á segunda operação para esgotar toda a parte solavel e depois de reunidos e filtrados os liquidos, são levados ao alambique ou á um vaso aberto, ao calor, ao banho maria para reduzir a dissolução alcoolica até a consistencia de xarope grosso, ao qual se ajunta agua fervente para fazer precipitar a resina em grumos, dissolvendo ao mesmo tempo as partes soluveis. Emprega-se segunda lavagem com agua fervente para fazer precipitar a resina em grumos, dissolvendo ao mesmo tempo as partes soluveis. Emprega-se segunda lavagem com agua fervente para purificar-a melhor e reune-

se toda a massa ainda quente, em consistencia de cera, em um panno, comprimindo-se para reunir-se toda a massa, que faz-se secçar ao ar livre ou em calor brando de estufa. Por este processo obtem-se 12 a 14/100 de resina.

« A agua das lavagens volatilizada ao banho-maria dá um extracto secco deliquescente, de apparencia crystallina, de cor escura e de gosto amargo um pouco adstringente pela presença do tannino, Presumo que este extracto deve conter alguma substancia alcaloide. A pequena quantidade que obtive não foi sufficiente para se proceder á um exame mais minucioso sobre a sua natureza.

Tratando directamente pelo processo ordinario para extrahir a quinina, uma porção da casca do pau desta quina obtive uma quantidade insignificante de substancia crystallina, que pareceu-me ser cinchonina.

O Sr. Dr. T. Peckolt, pharmaceutico e chimico distincto d'esta Corte, ja bem conhecido e apreciado pelos seus bellos e interessantes trabalhos analyticos sobre as nossas plantas uteis e medicinaes submetteu directamente 90 grammas da casca da raiz á um novo processo chimico e obteve 0,075 gr. de uma substancia crystallavel em forma de agulhas finas, a qual, exposta ao calor derrete-se e volatilisa-se, sem deixar residuo; é insolúvel n'agua fria e pouco solúvel n'agua fervendo; dissolve-se facilmente em agua acidulada ou em alcool á 36°. Por estas propriedades elle presume ser um alcaloide differente da quinina, aguarda occasião mais opportuna para proceder á novas experiencias sobre este objecto.

« Espero da provincia de Minas maior porção d'esta quina, que encommendei para proseguir as investigações e estudos que considero de summa importancia e utilidade á sciencia medica.

« Este novo producto, que pode ter o nome de—Vellosina—, logo que o seu emprego for mais geueralisado e estudada a sua acção therapeuticamente, parece destinado como succedaneo da quinina á figurar de um modo vantajoso na materia medica brasileira pelas suas propriedades tonicis e ante febris. Na minha pratica eu o tenho empregado com proveito em casos de debilidadade geral e de intermitente simples.

« O meu illustrado collega Dr. J. Ribeiro de Almeida, medico distincto do hospital de marinha, communicou-me a observação de um doente de febre dupla terça rebelde, o qual tendo sido muito medicado pelas preparações de quinina e de arsenico, sem resultado algum,

curou-se em poucos dias com o emprego deste remedio preparado em xarope (de 6 grãos para cada onça) cedendo logo todos os symptomas, com a dose de 3 a 4 onças de xarope, isto é 18 a 24 grãos de resina.

« Emprega-se resina em po com assucar para as crianças e em pilulas; porem devem ser preferidas as preparações pharmaceuticas soluveis, em forma de xarope ou tinctura dissolvendo-se preliminarmente nos alcalis: potassa, soda, ou ammonia para se unir ao xarope.

« Os saes alcalinos, os saes duplos de potassa e ferro ou de ammonia dissolvem facilmente, e presta-se assim á preparação do xarope desta resina com os saes de ferro. A sua dose é de 4 a 6 grãos como tónico, e de 12 á 24 nas intermittentes segundo as indicações.

A acção topica deste medicamento sobre o aparelho gastrico é branda e suportavel e não me parece exercer sobre elle, á doses moderadas, em que o tenho empregado, os effectos das substancias estimulantes.» (18)

Dr. José Agostinho Vieira de Mattos.

Em seguida publicamos 2 observações de cura pelo *cinchonio*, na enfermaria de clinica á cargo do Sr. Dr. Torres Homem.

Observação (19) de um caso de febre intermitente quotidiana, curado pelo cinchonio.—Manoel Martins Palmares, portuguez, branco, de 30 annos de idade, casado, canteiro, entrou para a enfermaria de clinica a 2 Julho de 1872.

Commemorativos.—Ha 15 dias, indo da Corte para a Parahyba do Sul, lugar de sua residencia, teve á noite uma sensação muito forte de frio, cephalalgia violenta, dores na região lombar e nas pernas, suores abundantes, sede intensa, urinas copiosas: nas noites subsequentes os accessos se foram reproduzindo com todos os seus estadios. Tomou alguns purgativos; e, como não melhorasse, entrou para o hospital.

Estado actual.—Decubitus dorsal, face animada, brilho natural dos olhos, lingua pastosa e humida; tem appetite. o ventre é flacido, tem constipação, e accusa dôr ligeira nos hypochondrios, cujas visceras estão muito pouco augmentadas de volume. A pelle é fresca; o pulso marca 74 p., e o thermometro 37,8. As urinas descoradas dão pelo calor um precipitado que se dissolve quando tratado pelo acido azotico

Ao entrar, o medico de serviço recebeu-lhe

(18) Extr. da These do Dr. Joaquim Vieira de Andrade.—1863.—Rio de Janeiro.

(19) Do auctor.

um vomitorio que teve tambem acção purgativa, e sulphato de quinina, que não cortou o accesso, o qual apresentou-se nas horas do costume bem que mais fraco. Foram-lhe receitados por occasião da visita, 24 grãos de sulphato de quinina, para tomar em duas doses, sendo a primeira immediatamente; e mais mistura salina simples. No dia 4 foram-lhe administrados mais 12 grãos de sulphato de quinina; e mandou-se-lhe continuar com a mistura salina, por achar-se febril. No dia 5 o doente diz ter passado mal, até ás 3 horas da tarde; queixasse de murmurio nos ouvidos, dôres no estomago, e a noite nevralgias para a face e pescôço; sem embargo não apresenta febre, mas tem muita sede. Mandou se continuar a medicação nas mesmas doses. Dia 6.—Teve um accesso ás 3 horas da tarde antecedente. O pulso está a 74 p. temp. 37, 8. Foi-lhe ainda prescripto sulphato de quinina, valerianato de quinina, e extracto molle de quina na dose de meia oitava para dividir em 8 pilulas e tomar 4 por dia, com intervallo de 3 horas, e tambem um calice de agua ingleza sobre cada pilula. No dia 9 o estado do individuo poucas melhoras apresentava.

N'estas circumstancias. o professor Torres-Homem empregou umas pilulas de *Chichonio*, que lhe mandára um distincto pratico da provincia de Minas-Geraes, e cuja composição é a seguinte: Cinchonio 3 grãos, carbonato de soda 2 grãos, xarope q. s.; e applicou em numero de 8: no dia seguinte (10), o doente achava-se muito melhor; a temperatura tomada pela manhã era normal: tomou mais 8 pilulas, e como já o seu estado fosse muito satisfatorio, e a convalescença começasse de uma maneira franca, foi submettido a um regimen reconstituinte; e no dia 20 teve alta, inteiramente curado.

Observação de um caso de febre intermitente paludosa, curada pelo cinchonio.—(20)

José Gomes da Silva, de 20 annos de idade. constituição forte. temperatura sanguinea, morador á rua de Humaytá (em Botafogo), entrou a 10 de Julho do corrente anno para o Hospital da Misericórdia, e foi occupar o leito n.º 7 da enfermaria de clinica, á cargo do professor Torres Homem.

Pelos commemorativos referidos pelo doente e pelos symptomas que apresentou, fizemos o diagnostico seguinte:

(20) Tomada por meu distincto collega o Sr. Julio Xavier.

Febre intermitente paludosa de typo duplo quotidiano.

Manifestavam-se os accessos com todos os seus estadios regulares, ás 6 horas da manhã, e se reproduziam ás 6 da tarde.

No dia 11 prescreveu-lhe o professor Torres Homem o *Cinchonio*, que lhe tinha sido fornecido ha dias, afim de ser experimentado nas febres paludosas sob a formula seguinte:

Cinchonio	3 grãos
Carbonato de soda.....	2 grãos
Xarope simples.....	q. b.

F. s. a. 1 pilula e mande mais 8. (Tome todas durante o dia.)

No dia 12 referio-me o doente haver passado melhor; tendo tido apenas no dia antecedente o accesso ás 6 horas da tarde, não reincidindo ás 6 horas da manhã d'esse dia.

Prescripção.—A mesma do dia 11.

Dia 13.—Passou bem o doente. Desappareceram completamente os accessos.

Dia 14.—Alta por curado.

Alem destas observações, existem ainda em poder do Sr. Dr. Vieira de Mattos algumas outras do Sr. Dr. Torres-Homem, do Dr. Felicio dos Santos, do Dr. José Lino Pereira Junior, e de poucos outros, que confirmam as propriedades anti-periodicas desta substancias nos casos simples.

Quinas do Rio-Negro.—São quatro principaes:

2. (a.) *Cinchona firmula* (Mart.). *Lademburgia firmula* (Weddell).

4. (b.) *Cinchona Lambertiana* (Mart.). *Lademburgia Lambertiana* (Weddell).

5. (c.) *Cinchona Bergenia* (Mart.). *Remijia Bergenia* (D. C.)

6. (d.) *Cinchona Macrocnemia* (Mart.). *Lademburgia Macrocnemia* (Weddell).

Todas são preconizadas como optimos febrifugos nas doses de 2 a 3 oitavas em 24 horas, em pó; ou na de 1 2 onç. em infusão n'uma libra d'agua a ferver.

7. *Quina de Cuyabá.*—*Cinchona Cujabensis* (Manso). *Remijia Cujabensis* (D. C.): as cascas são tidas como optimas nas mesmas doses e para os mesmos fins.

8. *Quina do Piahy.*—*Exostemma Souza-num* (Mart.). Mesmos usos. Doses identicas.

Este vegetal é tambem conhecido por nomes vulgares: *Quina de D. Diogo*, *Quina de D. Diogo de Souza*. Abunda principalmente no Piahy, Bahia, e provavelmente nas provincias intermediarias.

9. *Quina do Rio de Janeiro*.—Buema exandra (Pohl). Mesmos usos e doses.

É tambem conhecida pelos nomes de *quina do Brasil*, *quina de Cumana*, *quina Carthagená*, etc.

10. *Quina do Rio*.—Exostemma (21) formosum (Cham).

O Dr. Nicoláo Moreira, em seu *Diccionario de plantas medicinas brasileiras*, diz que é tambem conhecida pelo nome de *quina de Porto-Alegre*.

11. *Quina do Mato*.—Exostemma australe (St.-Hilaire). Mesmos usos e doses: devendo porem ser pouco menores: no maximum $\frac{1}{2}$ a 1 onça em 24 horas, em infusão. Abunda no sul do Imperio.

12. *Quina do Mato*.—Exostemma cuspidatum (St.-Hilaire). Mesmas doses e usos. É communissima nas provincias litoraes do norte do Imperio, até a do Espirito-Santo principalmente.

13. *Quina de Pernambuco*.—Coutarea speciosa (Aubl.). Cascas preciosas como febrifugas, nas doses, mais ou menos, que as supra-citadas.

Nos sertões das Alagoas o Dr. Caminhoá viu que se empregava de preferencia a casca da raiz na dose de 1 para 8 onças d'agua a ferver, 6 horas antes do accesso. Algumas pessoas alli a chamam *quina-quina* tambem.

14. *Raiz de angelica do mato*.—Guetarda Angelica (Mart.): a raiz e cascas são as partes empregadas por alguns praticos como febrifugas. Não pude encontrar esclarecimento sufficientes a respeito.

(Continúa.)

HYGIENE HOSPITALAR

SOCIEDADE DAS SCIENCIAS MEDICAS DE LISBOA

Sessão de 11 de Maio de 1872

Discurso lido pelo Sr. Silva Amado

Sr. presidente—Se queremos estudar com fructo e apreciar com boa critica as transformações por que tem passado as construcções hospitalares, precisamos indagar, que idéas tem presidido a estas construcções, e ver até que ponto esses edificios satisfazem ao fim que se teve em vista quando foram delineados.

Nas origens do christianismo estabeleceram-se casas com o fim de dar abrigo aos peregrinos, asylo aos pobres e aos enfermos, eram ao mesmo tempo hospedarias, asylos e hospitaes, e

chamaram-lhes no oriente, onde primeiro foram erigidas, *xenodochium*, *ptochotrophion*, e mais tarde *nosocomium*, isto é, casas onde se recebem estrangeiros, onde se alimentam os pobres e onde se tratam doentes. Na Alemanha, onde estas casas se estabelecerem depois, chamaram-lhe *Elends-Herbergen*, isto é, estabelecimentos da miseria! Já com o nome de *xenodochia* houve na antiga Grecia, segundo refere Xenofonte, casas onde se recebiam os estrangeiros, mantidas a expensas do publico e vigiadas por consules chamados *Procureres*.

O grande estabelecimento mandado construir por S. Basilio, bispo de Cesarea, e que S. João Chrisostomo comparou com uma pequena cidade, era chamado por seu fundador *ptochotrophium*, isto é, asylo onde se alimentavam os pobres.

A idéa que presidiu á edificação d'estas casas era afastar das populações os infelizes, que precisavam recolher-se a estes asylos. Havia n'esta idéa ainda reminiscencias do judaismo: nos livros sagrados da religião de Israel manda-se expulsar os leprosos e outros doentes, porque n'esta religião, em que se não acreditava na vida futura, as doenças são consideradas como castigos divinos, que o homem deve respeitar e não contrariar, mas só prevenir.

Na sociedade christã houve o progresso de recolher esses desgraçados, embora se afastassem da vista dos felizes da terra.

Eis a razão por que os primeiros hospitaes eram situados fóra das portas das cidades: se depois d'estes houve outros dentro das povoações hygienicas, não é porque houvesse retrocesso nas idéas, é porque a vantagem hygienica d'aquelles sobre estes ainda não tinha sido proclamada; e se esses pequenos hospitaes fóra das cidades eram melhores, eram-n'o a despeito da intenção com que foram construídos.

Ben depressa com o regresso dos cruzados a lepra se generalizou na Europa e os pequenos hospitaes tomaram entre nós o nome de gafarias, na Alemanha o de lazaretos e em França o de *ladreries* ou *maladreries*, e foram destinados para recolher os individuos atacados de lepra, que era então, como diz Virchow, a grande doença, de alguma sorte a propria doença na sua fórma typica.

Multiplicaram-se as gafarias, não havia, por assim dizer, povoação de alguma importancia, que não tivesse a sua gafaria, situada fóra dos seus muros.

Pelo fim do seculo XV a lepra foi-se tor

(21) Martius escreve Exostema; Stuedel, Endlicher Richard, etc., escrevem como acima, com mm.